

AOS TYPOGRAPHOS PORTUENSES

Eu sou tambem artista. . . O berço em que nasci
Nunca encimado foi por c'rôas ou brazões.
Não tive da riqueza o luxo ostentador,
Sujeitei-me da sorte aos miseros baldões.

Na mão callosa tenho os nobres pergaminhos,
Não me illudem do mundo os preconceitos vãos. . .
Por isso, embora longe, embora n'outra terra,
A alma está comvosco, artistas meus irmãos!

Quando falta o trabalho, a luz, o pão da vida,
Quando tristeza enorme a alma nos invade,
E' tão doce encontrar a mão animadora
Que sobre nós desfolhe a flôr da Caridade!

E vós assim fazeis! Honrados companheiros,
Filhos da arte, nobre, ingente e immortal,
Aos irmãos do trabalho, aos pobres opprimidos,
Daes vossa mão bondosa, amiga, fraternal.

Quem dera que eu pudesse — engenho luminoso —
Cantar da Caridade a esplendida epopéa! . . .
Assim, digo-vos só, do intimo da alma:
«Artistas meus irmãos, bemdita a vossa idéa!»

LISBOA.

Joaquim dos Anjos.